

OFÍCIOS DA GARIMPAGEM

Silvana Vilodre Goellner
Coordenadora do Centro de Memória do Esporte

Não há dúvidas que as práticas corporais e esportivas configuram, hoje, um fenômeno social com grande abrangência e visibilidade no cenário mundial. As diferentes modalidades esportivas, a dança, a educação física escolar, as atividades de lazer, as lutas e as práticas corporais alternativas, por exemplo, envolvem sujeitos de diferentes contextos culturais, seja como praticantes, seja como espectadores. São práticas regulares que desenvolvem-se no cotidiano das cidades modernas despertando interesse, mobilizando paixões, evocando sentimentos, criando representações de corpo e saúde, enfim, convocando nossa imediata participação.

Ainda que estas sejam práticas que adquiriram centralidade na vida moderna, há que referenciar que não são invenções do presente. Resultam de conceitos e práticas há muito estruturadas no pensamento ocidental cujos significados foram e são alterados não só no tempo mas também no local onde aconteceram e acontecem. Em outras palavras, possuem história. História feita pela ação de diferentes homens e mulheres que a seu tempo realizaram ações que consolidaram estas práticas inspirando, de certa forma, o que hoje vivenciamos.

Histórias repletas de memórias individuais e coletivas. Memórias que estão localizadas sob a poeira dos arquivos, que desafiam nosso olhar quando nos deparamos com uma antiga fotografia ou uma pintura, que evocam nossa imaginação quando chegam pela música ou através da narrativa de alguém que as registra e compartilha. Memórias da memória entendida, aqui, como a capacidade humana de reter fatos e experiências do passado.

A complexidade do mundo contemporâneo, o crescente e rápido processo de individualização do sujeito urbano, o acelerado ritmo das modificações tecnológicas, a profusão de informações a interpelar homens e mulheres cotidianamente e mesmo a superficialidade com que, muitas vezes, essas informações são veiculadas, tem diminuído o poder seletivo da memória, ou seja, a capacidade de eleição do que é ou não importante armazenar. Tal perda tem sido apontada por profissionais que atuam no campo da informação, como um elemento a colaborar na estruturação de sociedades do esquecimento.¹

Para evitar o esquecimento, há que preservar a memória. Memória esta que representa a presença do passado no presente pois refere-se a uma reconstrução intelectual e psíquica de um passado que nunca é só individual mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, político, cultural e econômico. Ainda que a memória seja guardada por um indivíduo e tem como referência suas experiências e vivências, essa memória está marcada pelo grupo social onde conviveu e se socializou.

¹ SIMSON, Olga R. de M. von. Memória, poder e cultura na sociedade do esquecimento: um exemplo do Centro de Memória da UNICAMP. In: FARIA FILHO, Luciano de (org.) *Arquivos, fontes e novas tecnologias: questões para a história da educação*. Campinas: Autores Associados; Bragança Paulista: Universidade São Francisco, 2001.

Assim sendo, esse caráter social constitui-se em um elemento essencial da formação de sua identidade, da percepção que tem de si mesmo e dos outros.

Cabe ressaltar, como bem expressou Henry Rousso, que: “Se o caráter coletivo de toda a memória individual nos parece evidente, o mesmo não se pode dizer da idéia de que existe uma “memória coletiva”, isto é, uma presença e portanto uma representação do passado que sejam compartilhadas nos mesmos termos por toda uma coletividade.”²

Recuperar histórias sobre o esporte, o lazer e a educação física significa, também, garimpar memórias: ou seja, identificar pessoas que tiveram e tem significativa parcela de contribuição para a estruturação destas práticas e, através de seus depoimentos, reconstruir histórias.

Inaugurando as publicações organizadas pelo Centro de Memória do Esporte, o livro “O ciclismo no Rio Grande do Sul – 1869-1905” é fruto do garimpo de memórias. Ou melhor, é fruto do trabalho de um garimpeiro cujas preciosidades históricas registradas na memória e nos textos e livros que escreveu e escreve contam de um passado que desconhecemos. Narram experiências de um tempo que não nos pertence e que, dada a sua profunda significação social, merecem ser preservadas e transmitidas às novas gerações.

Refiro-me ao Dr. Henrique Licht, médico porto-alegrense cuja memória revela riquíssimos dados sobre a estruturação do campo esportivo no nosso Estado. Para além de sua memória, o Dr. Licht é, também, um mestre da garimpagem: estudioso dedicado têm vasculhado arquivos de jornais e de bibliotecas atrás de vestígios, fontes, evidências, relatos, notícias e imagens que façam referência à estruturação do esporte no Rio Grande do Sul e no Brasil. Destaco como exemplar a publicação, em 1986, de sua obra “O remo através dos tempos” e poderia citar vários outros textos que revelam sua dedicação à pesquisa. No entanto, é para o livro “O ciclismo no Rio Grande do Sul – 1869-1905” que quero chamar a atenção.

Resultado de uma minuciosa investigação em jornais publicados no Rio Grande do Sul no final do século XIX e início do XX, o trabalho do Dr. Licht é leitura necessária para quem se interessa pela história do esporte gaúcho. Através da seleção e da transcrição de todas as matérias jornalísticas publicadas entre 1869 e 1905 é possível conhecer os nomes de quem construiu essa modalidade esportiva no nosso Estado bem como as principais competições, os eventos comemorativos, os clubes e agremiações esportivas que incentivaram este esporte, os velódromos construídos na cidade de Porto Alegre, o entusiasmo de homens e mulheres que praticavam e assistiam as exibições e os passeios ciclísticos que se alastraram por cidades outras além da capital. São emocionantes os relatos das disputas, os esforços dos competidores, a solidariedade e a rivalidade entre os clubes, o pioneirismo dos apaixonados pela bicicleta e pelos desafios inerentes a uma vida esportiva.

Aos nossos olhos do presente causa estranhamento os sentimentos suscitados na população quando do aparecimento do velocípede, em São Leopoldo, no ano de 1869: *“Ahi, ví o tal velocípede que fez furor, pois alguns chegavam a dizer que este homem (o cyclista) - tinha parte com o diabo, porque corria numa machina em que não se via “ninguém puchar á frente ou empurrar atrás”, e que corria ligeiro como o raio, e o pior de tudo era - ter sómente duas rodas - uma atrás da outra!*

Surpreende, também, aos mais desavisados a percepção de que o futebol não era a modalidade esportiva mais praticada e que a premiação, longe do que o profissionalismo esportivo demonstra hoje, se efetivava mediante a oferta de objetos de

² Henry Rousso, A memória não é mais o que era, p. 95

uso cotidiano, como por exemplo, uma caneta tinteiro, uma carteira, um porta-retratos, ou uma simples e significativa menção honrosa.

Este livro aborda o esporte de outros tempos. E o faz através das notícias publicadas na imprensa. Cabe ressaltar que, nesse período, o jornal era o meio de comunicação que mais se aproximava da população urbana. Era ali que se divulgavam as competições, os feitos atléticos, se convocavam eleições, se vendiam produtos esportivos, se convocava a população para prestigiar os eventos ou para deles participar. Cabe registrar que, mesmo sem ser especializada, a imprensa desempenhou um papel importante na consolidação do esporte moderno.

O livro “O ciclismo no Rio Grande do Sul – 1869-1905” é um retrato dessa afirmação. Daí sua riqueza e originalidade. Mergulhar no universo do ciclismo gaúcho do século XIX torna-se, aqui, possível pela garimpagem que Dr. Licht faz daquilo que a imprensa gaúcha registrou. Ao reunir uma importante soma de notícias, anúncios, convocações e relatos, este texto seduz porque movimenta a imaginação, desperta a curiosidade, fomenta discussões, provoca e suprime dúvidas. Seduz, fundamentalmente, porque conta dos primórdios de um esporte que outrora movimentou a cidade e hoje não mais desperta o mesmo interesse, status e paixão.

Para finalizar quero, ainda, ressaltar outra peripécia que faz do Dr. Licht um garimpeiro de preciosidades. O Dr. Licht é um grande e esmerado colecionador. Desde há alguns anos vêm dedicando-se à organização de uma importante coleção sobre esportes. São livros, revistas, medalhas, vídeos, recortes de jornais, folhetos oficiais, flâmulas, mascotes, distintivos, programas de competições, fotografias originais, enfim, um expressivo conjunto de documentos e artefatos que contam a história dessa grande manifestação esportiva da sociedade moderna. Um acervo repleto de memórias pessoais e coletivas, fragmentos agrupados ao longo de uma vida cuja preocupação com a preservação da memória mostra-se, hoje, ainda pulsante.

O Dr. Licht não apenas reuniu uma coleção formidável e original como teve o esmero e o cuidado de organizá-la, catalogá-la, torná-la possível de ser conhecida por um sem número de pessoas. Sua preocupação com a preservação da memória não limita-se aos prazeres do colecionismo que, muitas vezes, restringe a apenas poucos indivíduos o acesso às preciosidades reunidas. O Dr. Licht partilha seus tesouros: já organizou várias exposições no Rio Grande do Sul e no Brasil, emprestou seus materiais para outras pessoas e instituições organizarem mostras fotográficas e exposições, concedeu entrevista à jornalistas, escritores, pesquisadores, é referência bibliográfica de vários autores que têm abordado o tema do esporte e do lazer no Brasil, enfim, é uma referência nacional e internacional quando o tema é memória e história do esporte.

É, portanto, com orgulho e emoção que anuncio, nesta publicação, o generoso ato do Dr. Henrique Licht que, demonstrando grande sensibilidade, doou sua coleção ao Centro de Memória do Esporte da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – instituição que vem estruturando seu trabalho de forma a preservar a memória esportiva brasileira e, agora, internacional.

É com orgulho e emoção, também, que recuperei este trabalho, ainda datilografado em antigas páginas amareladas pelo tempo, possibilitando partilhá-lo com todos aqueles e aquelas que, cientes da importância da memória e do registro histórico, sabem reconhecer a seriedade e importância deste trabalho deleitando-se, por fim, com sabor de suas palavras.